



ARTIGO/DOSSIÊ

A TRAVESSIA DO RIO: UMA LEITURA À LUZ DO CONCEITO DE NEONARRATIVA DE ESCRAVIDÃO

SHIRLEY DE SOUZA GOMES CARREIRA
LUIZ MANOEL DA SILVA OLIVEIRA

Shirley de Souza Gomes Carreira

Pós-doutoramento em Literaturas de Língua Inglesa.

Doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2000.

Professora Associada do Curso de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ. Líder do grupo de pesquisa Poéticas da Diversidade – UERJ. Pesquisadora do grupo de pesquisa Vertentes do Fantástico na Literatura; membro do Grupo de Trabalho ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7147623689731561>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>.

E-mail: shirleysgcarr@gmail.com.

Luiz Manoel da Silva Oliveira

Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2007.

Professor Associado do Curso de Letras Língua Inglesa e Suas Literaturas da UFSJ (Universidade Federal de São João del-Rei) e docente permanente do Programa de Mestrado em Letras da UFSJ.

Membro pesquisador docente do grupo de pesquisa Poéticas da Diversidade – UERJ.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2078850561648563>.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4011-4059>.
E-mail: luizmanoel@ufsj.edu.br.

Resumo: O objetivo do artigo é analisar o romance *A travessia do rio*, de Caryl Phillips, de modo a demonstrar que, a par de sua estrutura narrativa atípica, ele pode ser classificado como uma neonarrativa de escravidão. Para tanto, inicialmente, apresentamos uma breve retrospectiva dos pressupostos teóricos que norteiam esse subgênero do romance, o seu contexto de surgimento e suas características. Em seguida, examinamos as partes que compõem o romance de Phillips, enfatizando o caráter híbrido e polifônico da narrativa. Como principal abordagem teórica, recorremos à perspectiva de Valerie Smith (2007), para quem as neonarrativas de escravidão passaram por um processo evolutivo que, hodiernamente, abraça uma variedade de estilos de escrita, produzindo novas formas de experiência estética, ao mesmo tempo em que empreende uma revisão crítica do passado histórico.

Palavras-chave: Neonarrativas de escravidão. *A travessia do rio*. Caryl Phillips. Hibridismo. Polifonia.

Abstract: The objective of this article is to analyze Caryl Phillips's novel *Crossing the River* to demonstrate that, alongside its atypical narrative structure, it can be classified as a neo-slave narrative. To this end, we first present a brief retrospective of the theoretical assumptions that guide this subgenre of the novel, its context of emergence, and its characteristics. We then examine the work's constituent parts, emphasizing the narrative's hybrid and polyphonic nature. As our primary theoretical approach, we draw on the perspective of Valerie Smith (2007), who argues that neo-slave narratives have undergone an evolutionary process that, today, embraces a variety of writing styles, producing new forms of aesthetic experience, while also undertaking a critical review of the historical past.

Keywords: Neo-slave narratives. *Crossing the river*. Caryl Phillips. Hybridism. Polyphony.

“Modern life begins with Slavery. Slavery broke the world in half, it broke it in every way. It broke Europe. It made everything in world war two possible. It made world war one necessary. Racism is the word that we use to encompass all this”.

Toni Morrison

AS NARRATIVAS SOBRE A ESCRAVIDÃO: PASSADO E PRESENTE

Os relatos de ex-escravizados dos séculos XVIII e XIX tiveram um papel indiscutível na luta pela abolição da escravatura, porém, posteriormente, caíram no esquecimento porque sua credibilidade e autenticidade começaram a ser questionadas. Somente nos anos de 1960, devido ao Movimento pelos Direitos Civis, recuperaram sua relevância, com o surgimento de narrativas que buscavam aproximar-se formalmente da tradição das *slave narratives*. Essas obras chamaram a atenção do pesquisador Bernard Bell (1987), que, em *The Afro-American Novel and Its Tradition*, cunhou o termo “neonarrativas de escravidão”¹ para designar romances marcados pela oralidade que usavam elementos da tradição africana para narrar relatos de fuga da escravidão para a liberdade.

Mais tarde, Ashraf Rushdy, partindo dessa primeira definição de Bell, publicou a obra *Neo-Slave Narratives: Studies in the Social Logic of a Literary Form*, em que definiu as neonarrativas de escravidão como “romances contemporâneos que assumem a forma, adotam as convenções e empregam a narrativa em primeira pessoa típica das narrativas de escravizados escritas antes da Guerra Civil Americana” (Rushdy, 1999, p. 3), vinculando-as, entretanto, ao meio sociopolítico dos anos sessenta.

1 Bell utilizou o termo em inglês sem o hífen que mais tarde o caracterizaria.

Ao analisar três obras que considerava pioneiras do subgênero, Rushdy identificou três tipos em particular: o romance histórico, do qual *Jubilee*, de Margaret Walker (1966), é um exemplo; a narrativa pseudo-autobiográfica, caso de *The Autobiography of Miss Jane Pittman*, de Ernest J. Gaines (1971) e, por fim, o romance de gerações lembradas (ou genealógico), exemplificado por *Corregidora*, de Gayl Jones (1975).

Posteriormente, refletindo sobre romances produzidos a partir de 1980, A. Timothy Spaulding questionou a aplicabilidade do termo utilizado por Rushdy a obras sobre a escravidão que apresentam características não miméticas, ou seja, que “criam uma historiografia alternativa e ficcional baseada em uma representação antirrealista, fantástica e subjetiva” (Spaulding, 2005, p. 2, tradução nossa), como o romance *Beloved*, de Toni Morrison. No seu ponto de vista, tais obras deveriam ser denominadas narrativas de escravidão pós-modernas, visto que:

Em vez de enfatizar a representação discursiva da escravatura em detrimento das suas realidades históricas ou de minar a estabilidade ou agência do sujeito individual, muitos desses textos reinvestem na representação histórica narrativa com uma determinação e agência que remonta às narrativas originais dos escravos. O que resulta nestes romances é uma fé persistente no poder e na capacidade da narrativa (se usada de forma oposta) para alcançar a libertação tanto do sujeito escravizado quanto do sujeito negro pós-moderno. (Spaulding, 2005, p. 4)²

2 Texto original em inglês: “Rather than emphasizing the discursive representation of slavery over its historical realities or undermining the stability or agency of the individual subject, many of these texts reinvest narrative historical representation with a determinacy and agency that harkens back to the original slave narratives. What results in these novels is a persistent faith in the power and ability of narrative (if used oppositionally) to achieve liberation for both the enslaved and the postmodern black subject”.

Em uma perspectiva próxima à de Spaulding, Valerie Smith, embora ainda aderindo ao termo cunhado por Bell, expandiu o escopo do subgênero ao estender o rótulo a qualquer tipo de romance contemporâneo que aborde a escravidão. Segundo a autora, a neonarrativa de escravidão “abraça uma variedade de estilos de escrita: desde romances realistas baseados em pesquisas históricas até ficção especulativa, experimentos pós-modernos, sátira e obras que combinam esses diversos modos” (Smith, 2007, p. 168)³.

Judith Misrahi-Barak (2014), no rastro da perspectiva de Smith, considera as neonarrativas mais recentes como um desdobramento da versão original do subgênero definido por Rushdy, bem como aponta o romance *Beloved*, de Toni Morrison, como um divisor de águas entre as neonarrativas surgidas na década de 1960 e as contemporâneas.

Arlene Keizer (2004), por sua vez, propõe uma outra classificação, denominando-as “narrativas contemporâneas de escravidão” e dividindo-as em: romances históricos sobre a escravidão, romances que narram os efeitos da escravidão vivenciados por afrodescendentes na contemporaneidade e romances em que passado e presente são justapostos.

Considerando as perspectivas teóricas apresentadas acerca das neonarrativas de escravidão, propomos o exame dos aspectos formais e temáticos do romance *A travessia do rio*, de Caryl Phillips, de modo a verificar a sua aderência ao subgênero.

3 Texto original em inglês: “embrace a variety of styles of writing: from realist novels grounded in historical research to speculative fiction, postmodern experiments, satire, and works that combine these diverse modes” (Smith, 2007, p. 168).

A TRAVESSIA DO RIO

"I wanted to make a connection between the African world which was left behind and the diasporan world which people had entered once they crossed the water. I wanted to make an affirmative connection, not a connection based upon exploitation or suffering or misery, but a connection based upon a kind of survival".
Caryl Phillips

O autor de *A travessia do rio*, Caryl Phillips, nasceu na ilha caribenha de São Cristóvão, mas seus pais mudaram-se para a Inglaterra quando ele tinha apenas quatro meses, estabelecendo-se em Leeds, Yorkshire. Phillips estudou literatura inglesa na Universidade de Oxford e atualmente leciona inglês na Universidade de Yale. Sua carreira literária começou com a escrita de peças de teatro. Somente após uma visita ao seu país natal, em 1980, ele produziu seu primeiro romance, *Final Passage*, publicado em 1985. Em 1990 mudou-se para os Estados Unidos, atuando como escritor visitante e, mais tarde, como docente do Amherst College, em Massachusetts. Nesse período escreveu e publicou *Crossing the River* (1993), com o qual ganhou prestigiosos prêmios. Atualmente é professor na Universidade de Yale. Sua produção literária abrange doze romances, quatro livros de ensaios e seis peças de teatro.

Como descendente de escravizados, Phillips tem escrito sobre os sujeitos da diáspora africana, abordando a questão da escravidão sob várias perspectivas. Alguns críticos apontam a origem caribenha do autor como a razão para as suas narrativas serem centradas no Atlântico Negro, ou seja, em aspectos transculturais que envolvem comunidades negras da diáspora.

O deslocamento forçado de africanos para a Europa e para as Américas implicou um processo de desterritorialização que levou à ruptura com o lugar de identificação desses sujeitos, desencadeando uma sensação de não pertencimento. Muito mais do que uma localização espacial, o conceito de “lugar” remete aos aspectos culturais e interacionais que dão aos indivíduos uma ancoragem.

Conforme Marcio da Silva Oliveira e Alba Krishna Topan Feldman nos fazem lembrar em sua leitura do romance, a perspectiva de Paul Gilroy (2001) em *O Atlântico Negro* permitiu que se lançasse à diáspora um novo olhar, na medida em que esta “rompe com o poder do território para determinar o conceito de identidade. Assim, a ideia do território de origem como lugar antropológico de resgate da identidade cede espaço à formação identitária em trânsito” (Oliveira; Feldman, 2014, p. 886). Gilroy argumenta que a identidade africana construída no entrelugar é fragmentada e refletida no não pertencimento.

Em *A travessia do rio*, Phillips recria o que Gayatri Spivak (1996) denomina diáspora pré-transnacional, resultante do colonialismo. O romance é constituído por um prólogo, 4 partes — cada uma focalizando um período histórico diferente e um personagem específico —, e um epílogo.

A história se inicia no século XVIII, no prólogo, em que há duas vozes narrativas, demarcadas graficamente. A primeira é a de um pai que confessa ter vendido seus três filhos — Nash, Martha e Travis — a um comerciante de escravos. Entremeadas a essa voz, há outra, não nomeada, mas que se percebe ser a de um comerciante de escravos, cujo discurso é demarcado em itálico:

Uma tolice desesperada. A colheita fracassou. Vendi meus filhos. Me lembro bem. Levei-os (dois meninos e

uma menina) por longos caminhos até chegarmos ao ponto em que os lodaçais são repletos de gaivotas e caranguejos. *Contornei o banco de areia com o escaler e rezei um pouco na capela da feitoria.* Fiquei olhando enquanto eles se abraçavam e olhavam para o forte, onde tremulava no alto uma bandeira estrangeira. *Permaneci junto às paredes caiadas da feitoria, esperando que o escaler retornasse e me levasse para além do banco de areia.* A distância estava o navio ao qual logo eu iria condená-los. O homem e seu ajudante esperavam para contornar o banco de areia novamente. Ficamos olhando por um tempo. E então nos aproximamos. *Um sujeito calado se aproximou.* Apenas três crianças. Eu as despachei nesse ponto, onde o afluente se divide e parte em todas as direções a caminho do mar. *Compri 2 meninos-homens fortes e uma garota orgulhosa.* Manchei minhas mãos com mercadorias frias, em troca de seus corpos quentes [...]. Podia sentir seus olhos sobre mim, me perguntando por quê? (Phillips, 2011, p. 11)

O prólogo continua em um fluxo discursivo que parece ser fruto do remorso, mas que soa ao leitor como uma tentativa de justificar um ato ignóbil. Somente quando o narrador afirma que, há 250 anos, espera para identificar as vozes dos filhos em meio a um coro que ele ouve repetidamente, o leitor percebe que se trata de um narrador insólito, que se enuncia de um outro plano. O coro corresponde à memória de um trauma coletivo, que perpassa gerações.

A segunda voz só é identificada na terceira parte, quando, por meio da repetição de frases enunciadas no prólogo, é possível perceber que o comerciante em questão é o Capitão James Hamilton e que a transação comercial foi realizada no ano de 1752.

ENTRE A AMÉRICA E A ÁFRICA: UMA IDENTIDADE EM CRISE

A primeira parte, intitulada “A costa pagã”, gira em torno de um personagem denominado Nash Williams, que remete ao nome de um dos meninos mencionados no prólogo, sem, no entanto, ficar claro se ele é realmente um deles, muito embora muitos críticos façam essa correlação. Considerando os poucos marcos temporais que a narrativa oferece e a vaga menção à mãe da personagem, é possível deduzir que, apesar dos nomes idênticos, trata-se de outra pessoa. A ausência de dados sobre a origem da personagem revela-se proposital e a questão da temporalidade passa despercebida à primeira vista.

A narrativa é construída por meio do relato de um narrador em terceira pessoa e de cartas enviadas por Nash ao seu antigo senhor, Edward Williams, que o alforriara e o tratava como a um filho. Aos 29 anos, Edward havia herdado uma fazenda e 300 escravizados e, assim como o seu genitor, tinha “aversão ao mesmo sistema que permitira que sua fortuna se multiplicasse” (Phillips, 2011, p. 23). Contrariamente à prática da época, incentivou os escravizados a aprender a ler e a escrever e, inclusive, proporcionou a Nash, por quem tinha especial afeição, acesso à educação superior. O jovem, após passar por um rigoroso programa de educação cristã, se tornou professor e apto a difundir seus princípios religiosos em locais em que o Cristianismo era ainda desconhecido. Por esse motivo, foi escolhido para ser enviado à Libéria, juntamente com sua esposa, sob os auspícios da Sociedade de Colonização Americana. Nas palavras do narrador, “ser convocado para colonizar a África era considerado, pela maioria dos escravos e de seus senhores, uma recompensa por bons serviços prestados” (Phillips, 2011, p. 18).

A Sociedade de Colonização Americana, que existiu de fato, foi fundada em 1816 por homens brancos, no intuito de encontrar uma

solução para a população negra livre caso a escravidão fosse abolida. Sob a alegação de que o “repatriamento” possibilitaria que os negros criassem suas próprias comunidades, tendo chance de prosperar, a sociedade financiou a viagem de muitos deles, mascarando o receio de que os negros livres incitassem rebeliões entre os que ainda eram escravizados. Todavia, não houve um “repatriamento” de fato, visto que os ex-escravizados não foram enviados aos seus locais de origem. A Libéria surgiu, assim, como um país repositório para reduzir o número de pessoas negras livres vivendo nos Estados Unidos (Ciment, 2013).

Se, por um lado, os ex-escravizados deixaram para trás a sociedade escravista estadunidense, onde, mesmo depois de livres, continuavam enfrentando preconceito, desigualdades e inúmeras limitações, por outro, a maioria dos colonos negros havia nascido nos Estados Unidos e o contato com os africanos, que, inclusive, faziam parte do comércio transatlântico, que incluía a escravidão, provocou, inicialmente, não apenas um choque cultural, mas tensões e conflitos.

No caso de Nash Williams, o que, para qualquer outro negro recém-liberto, poderia ser interpretado como um encontro com suas raízes e a oportunidade de um resgate identitário tornou-se, de fato, uma crise existencial detonada pelo contraste entre a educação e a formação que recebeu e as práticas culturais africanas. É necessário enfatizar que a maioria dos negros enviados à Libéria nasceu nos Estados Unidos e, portanto, não tinha familiaridade com a língua e os costumes dos nativos africanos.

Por meio do narrador extradiegético, o leitor torna-se ciente de que, após 7 anos na Libéria, Nash Williams desaparecera, razão pela qual seu

antigo dono planeja ir pessoalmente investigar o que aconteceu. Nessa primeira parte, é, ainda, revelado que Amélia, a falecida esposa de Edward, não aprovava a afeição do marido pelo ex-escravizado, tendo, inclusive, destruído uma carta que ele escrevera ao jovem. A narração dos preparativos para a viagem é, então, interrompida por uma série de missivas de Nash endereçadas ao seu benfeitor.

A princípio, as cartas, enviadas a partir de 1834, revelam um homem determinado a cumprir sua tarefa de missionário e aparentemente satisfeito com o local, como mostra a passagem a seguir: “Uma pessoa de cor pode viver em plena liberdade aqui, pois não existe preconceito racial e os homens são livres e iguais [...] É a terra natal de nossa raça e um país em que trabalho e perseverança são requisitos para um homem ser rico e feliz” (Phillips, 2011, p. 30). A carta, entretanto, também revela que, estando na África, ele reproduz o olhar do homem branco colonizador, menosprezando a cultura local e agindo com rigor em relação aos que trabalham com ele. Na missiva de 1834, ele agradece a oportunidade que teve devido à bondade do seu senhor:

Agradeço a Deus por ter tido a sorte de nascer em um país cristão, entre pais e amigos cristãos, e por o senhor haver tido a bondade de pegar a mim, uma criança tola, das mãos dos meus pais e me criar em sua própria residência, mais como um filho do que como servo. (Phillips, 2011, p. 34)

Esta passagem, bem como outra em que ele pede que Edwards transmita lembranças à sua mãe, deixa claro que o personagem não é o jovem vendido pelo pai no prólogo.

A segunda carta, escrita em 1835, demonstra a decepção de Nash causada pela ausência de respostas de Edward a três missivas enviadas anteriormente. Nela, ele informa que construiu uma escola

missionária, uma lavoura e que sua esposa e filho faleceram. Como nas cartas anteriores, solicita o envio de materiais de trabalho, mantimentos e roupas para si e para os trabalhadores. É uma carta afetuosa, ainda impregnada de sentimentos cristãos.

Na carta de 1839, ele acusa, com contentamento, o recebimento de uma missiva de Edward — a única nos sete anos em que esteve na África —, e informa que pretende casar-se novamente. Além disso, pede que seu antigo senhor verifique a possibilidade de seu retorno aos Estados Unidos, porém afirma que pretende, mais tarde, voltar à Libéria. No ano seguinte, ele envia a Edward, a quem chama de pai, uma carta plena de decepção pela falta de resposta. O relato contém críticas à manutenção do tráfico de escravos por americanos.

A sequência de missivas é interrompida pelo relato da chegada de Edward à África e da sua busca por Madison, outro ex-escravizado a quem alforriara, de quem recebeu a notícia do desaparecimento de Nash. Por meio das lembranças da personagem, fica claro que Amélia interceptara e destruíra todas as cartas que seu protegido enviara.

O encontro com Madison não apenas confirma a morte de Nash devido à malária, mas resulta na entrega da última carta que ele escreveu. Nela, o personagem revela que os anos na África e o descaso de Edward haviam causado muitas mudanças na sua identidade e no seu modo de vida. Agora, tinha três esposas pagãs e havia se livrado do “véu da ignorância” que o aprisionara ao longo da vida, conforme mostra a seguinte passagem: “nós, homens de cor, já fomos oprimidos por tempo suficiente. Precisamos lutar pelos nossos direitos, fazer ouvir a nossa voz e sentir o amor da liberdade que nunca poderíamos encontrar nos Estados Unidos” (Phillips, 2011, p. 88). A carta também informa que Nash destruíra a escola missionária e prometera a si

mesmo que jamais permitiria que ela exercesse sua posição de poder em qualquer assentamento onde ele vivesse. Ao fim, ele questiona o motivo pelo qual Edward o havia preparado para os seus propósitos, abandonando-o em seguida. Após tantos anos sentindo-se deslocado e tentando desesperadamente converter os africanos ao Cristianismo, Nash rendera-se às práticas culturais e religiosas locais.

Ao visitar o assentamento em que seu protegido viveu, chocado com a miséria e insalubridade do local, Edward se dá conta de que o repatriamento de africanos não ocorreu como a Sociedade de Colonização Americana imaginara: a solução para uma tensão crescente em solo americano e a “civilização” da África por meio do retorno dos afrodescendentes — “que a essa altura haviam sido agraciados com mentes racionais cristãs” (Phillips, 2011, p. 17) — à terra dos seus ancestrais. Aturdido com a percepção do mal que causara e ciente de que Madison não faria nada para ajudá-lo, Edward deseja entoar um cântico que acalme sua alma, porém apenas seus lábios se movem. Em uma inversão de papéis, “os nativos permaneceram olhando e se perguntando que maus espíritos haviam tomado conta daquele coitado e o arrastado para tamanha degradação” (Phillips, 2011, p. 98). Explorando ficcionalmente os paradoxos sociais e culturais decorrentes da colonização, essa primeira parte termina, portanto, com a apresentação de duas óticas que se opõem: a do branco “pretensamente” civilizado e a do nativo, cada qual vivenciando um estranhamento em relação ao outro.

A REIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO

A segunda parte do livro, intitulada “Oeste”, que se passa em um período que vai do início da Guerra Civil (1861-1864) até a

abolição da escravidão (1865), narra, em uma alternância entre terceira e primeira pessoa, a saga de Martha, uma velha negra e ex-escravizada que foi expulsa de uma caravana que seguia para a Califórnia e abandonada no Colorado.

Em meio ao frio e ao nevoeiro, sentada na rua principal de Denver, ela evoca a lembrança de um dia remoto em que, junto a um homem e dois meninos, uma menina amedrontada esperava para ser levada a um navio atracado afastado da costa:

Uma velha. Eles a haviam expulsado da caravana e seguido caminho para a Califórnia. Ela se contorcia de tanto tossir. Em meio a uma espécie de nevoeiro que pulava gerações, virou-se para o leste, para além do Kansas, para uma época anterior àquela em que fora mãe, antes da sua adolescência, de sua chegada à Virgínia, até uma praia tranquila e cristalina, onde uma menina trêmula esperava junto com um homem e dois meninos. Um pouco afastado da costa, um navio. Fora uma longa viagem até ali. Mas agora o sol estava se pondo e ela estava encerrando o seu curso. *Pai, porque me abandonaste?* (Phillips, 2011, p. 101-102, grifos do autor)

Essa passagem remete à menina mencionada no prólogo; entretanto, os marcos temporais que o romance oferece desfazem essa possibilidade. As crianças, já grandinhas, foram vendidas em 1752 e a história de Martha se passa por volta de 1861; assim, ela teria mais de 110 anos. Por outro lado, a referência ao “nevoeiro que pulava gerações” remete a uma circunstância que se repetiu inúmeras vezes em mais de dois séculos: a comercialização de africanos.

Como em resposta à recordação de Martha, surge a frase: “*Pai, por que me abandonaste?*”. A intertextualidade com o texto bíblico parece assumir diferentes sentidos: um questionamento sobre a

circunstância de sua escravização e/ou uma pergunta a Deus sobre a sua condição atual, livre, porém em trânsito, sem um local de pertencimento ou de destino.

Sua amiga Lucy e o marido haviam rumado para o Oeste e a convidaram a juntar-se a eles. Na época, milhares de negros migravam do Sul em direção ao Norte, Centro-Oeste e Oeste para escapar da violência racial. Ela é agora uma mulher livre e solitária que não sabe o que fazer com a sua liberdade.

Quando seu antigo senhor morreu, todos os seus bens foram vendidos pelo seu herdeiro, que era banqueiro em Washington, inclusive ela, seu marido, Lucas, e sua filha Eliza Mae. Em um único leilão a família foi desfeita para sempre:

Não amamenteei essa menina, não a ninei nos meus braços e lhe cobri de todo o amor que eu podia lhe dar para vê-la ser arrancada de mim [...] O leiloeiro manda os comerciantes se aproximarem. Primeiro eles olham os homens. Um comerciante testa o bíceps de Lucas com uma vara. Se um comerciante compra um homem, acabou. É até a morte. Todo mundo sabe disso. As famílias que precisam de criados domésticos ou os fazendeiros que precisam de escravas reprodutoras olham para nós, esperando a sua vez. Sou muito velha para gerar filhos. Eles não sabem que eu seria uma completa decepção. Minha Eliza Mae se agarra em mim, mas não vai adiantar nada. Ela será uma aquisição de primeira grandeza. E sozinha terá mais chance de viver com uma boa família. Quero dizer isso a ela, incentivá-la a seguir seu caminho, mas não consigo. (Phillips, 2011, p. 106-107)

A serviço da família Hoffman, que a comprou, Martha viveu na Virginia e no Kansas, até o dia em que seus donos decidiram partir para a Califórnia e a chamaram para dizer-lhe que seria vendida no

dia seguinte, “do outro lado do rio”, onde “estava o inferno” (Phillips, 2011, p. 111). A decisão de fugir foi rápida:

Naquela noite ela preparou a sua trouxa e foi embora. Para onde, não sabia (não dou a mínima), preocupada apenas em seguir para o Oeste [...] para longe do grande rio (do inferno) e evitar os traficantes de escravos, que a venderiam alegremente do outro lado da fronteira, no Missouri [...]. Ela nunca mais seria leiloada. (Nunca.) Nunca mais mudaria de nome. (Nunca.) Nunca mais seria propriedade de outra pessoa. (Não senhor; nunca.). (Phillips, 2011, p. 112)

A memória também a leva a outro tempo e lugar, quando trabalhou em Dodge lavando roupa e cozinhando. Naquela cidade, ela conheceu seu segundo marido, Chester, com quem viveu por dez anos e que a fez esquecer a dor de suas perdas. Após a morte de Chester em uma emboscada, ela e Lucy se mudaram para Leevenworth.

Uma semana depois do casamento de Lucy e de sua partida para São Francisco, um homem apareceu na lavanderia e mencionou a caravana de pioneiros de cor que partiria para a Califórnia. Martha se ofereceu como cozinheira e lavadeira para que a levassem com eles.

Um aspecto relevante em termos de estrutura narrativa nesta parte do romance é a alternância de vozes e tempos verbais. A narrativa do presente é narrada pelo narrador de terceira pessoa, utilizando o passado simples, enquanto que a do passado é narrada por Martha e tanto se apresenta no presente quanto no passado simples.

A narração do fluxo da memória se entremeia à do tempo presente, em que uma mulher tenta ajudar Martha a proteger-se do frio. A doença a incapacitara de cumprir suas obrigações com os membros da caravana, que já sofriam com o racionamento de

comida e água. Eles não podiam prosseguir com ela. Abrigada precariamente na cabana onde a mulher a leva, Martha sonha com um reencontro com os seus na Califórnia. Na manhã seguinte, seu corpo gélido é encontrado pela dona da cabana, que se vê diante da necessidade de dar-lhe um nome para que possa ter um enterro cristão. Martha fizera a sua travessia.

A PERSPECTIVA DO COMERCIANTE DE ESCRAVOS

A *travessia do rio* oferece uma dupla perspectiva, visto que, por um lado, há o ponto de vista do escravizado, e, por outro, o do escravocrata. A terceira parte do romance, intitulada “Cruzando o rio”, se passa em 1752 e consiste em um diário de bordo do Capitão James Hamilton — mestre do navio *Duque de York*, cujo destino é a Costa do Vento na África — entremeado às cartas que ele escreve à esposa.

Os breves registros dão conta de que o capitão precisa comprar o máximo possível de negros para poder retornar às Américas. As inúmeras mortes por febre, de negros e brancos, preocupam o mestre do navio, pois constituem um impedimento à sua volta. Mesmo com as muitas compras que fizera, os escravizados continuavam morrendo todos os dias. Os registros dessas mortes são feitos por meio de números, reiterando a reificação dos corpos negros:

Quinta, 22 de abril (...) Tirei Johnson dos ferros e dei-lhe uma boa dúzia de chibatadas. Do pôr do sol até a meia-noite o tempo ficou muito ruim, com chuva forte, rajadas de vento e ondas muito altas. Nessa confusão, duas escravas moças, que já vinham com fluxo havia muito tempo, acabaram morrendo (n. 117 e 127). (Phillips, 2011, p. 161)

Em sua segunda carta, o capitão menciona o seu desconforto com um homem que está a bordo, que frequentemente insinua que o seu falecido pai odiava os negros, em vez de ter o esperado distanciamento comercial. Entretanto, não esconde sua “forte repugnância a eles” (Phillips, 2011, p. 164).

O registro de 19 de maio diz respeito à venda das três crianças mencionadas no prólogo, onde aparece fragmentado e em itálico:

Contornei o banco de areia com ao escaler e rezei um pouco na capela da feitoria. Permaneci junto às paredes caiadas da feitoria, esperando que o escaler retornasse e me levasse para além do banco de areia. Um sujeito calado se aproximou. Comprei 2 meninos-homens fortes e uma garota orgulhosa. (Phillips, 2011, p. 171)

Essa parte se encerra com a partida do navio em meio ao canto triste de alguns escravizados ao perderem de vista o continente africano.

EM ALGUM LUGAR DA INGLATERRA: DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

A última parte do romance, “Em algum lugar da Inglaterra”, é constituída por um diário, organizado em meses e anos, no contexto da Segunda Guerra Mundial. A sequência não é cronológica e, como Thomas Bonnici (2006) sinaliza em sua análise do romance, esse capítulo contraria a expectativa do leitor, que espera saber o destino de Travis, a terceira criança que fora vendida pelo pai. A narradora é Joyce, uma mulher branca e casada que se apaixona por um militar americano negro.

No passado, a relação conturbada da personagem com a mãe a fizera optar pelo casamento com Len, um cliente do armazém onde ela trabalhava e que conhecera há apenas sete semanas. Ela era, na

realidade, “uma das noivas da guerra” (Phillips, 2011, p. 192), pois, na época, muitas pessoas decidiram casar-se por não saber se haveria um amanhã. Como Len tinha uma doença pulmonar causada pelo carvão das minas, dificilmente seria convocado, o que lhe dava certo alento. Após o casamento, passaram a trabalhar juntos na loja que ele possuía. Entretanto, com o passar do tempo, Joyce começou a perceber as diferenças entre eles e quão pouco o conhecia.

No auge da guerra, a mãe de Joyce morreu, vítima de um bombardeio. A despeito das suas discordâncias, ela sentiu profundamente a perda do seu único laço familiar, pois sua mãe nunca lhe dissera nada sobre o seu pai, que morrera quando ela era ainda uma criança.

Além disso, Joyce percebia, pelo comportamento das pessoas, que havia algo relacionado ao marido que todos pareciam saber, menos ela. Após o aprisionamento de Len por negociar no mercado negro, ela ficou com o encargo de gerenciar a loja. Em um registro datado de 1943, ela escreve que recebeu uma carta do marido e que ele deseja mudar de cidade quando for solto.

Desde o início da narrativa, a personagem se configura como uma *outsider*, a quem sempre faltou um senso de pertencimento. Essa sensação de estar fora de lugar é intensificada pela solidão da personagem.

A chegada dos soldados americanos à aldeia acarretou mudanças no comportamento dos habitantes locais e Joyce se apaixonou por Travis, um militar negro, com quem passou a ter um relacionamento. Os acontecimentos que se sucederam — a soltura de Len e a violência com que espancou a esposa ao descobrir que ela o traía; a ida de Travis para a Itália; a gravidez inesperada de Joyce; o divórcio e o posterior casamento de Joyce com Travis, durante uma licença de 72 horas — são narrados em capítulos breves.

O casamento foi realizado na Inglaterra, porque as leis americanas de Jim Crow (1877-1964) não permitiam casamentos inter-raciais. Apesar disso, Joyce sonhava que poderiam formar uma família quando a guerra acabasse, mas o sonho foi desfeito com a chegada de um telegrama, no mesmo ano, informando que Travis morreria em combate:

O telegrama não dizia muita coisa. Tive de imaginar. Morto ao nascer do sol, na costa italiana. Medo. Lama. Um frio de rachar. Barulho. Um silêncio mais alto do que qualquer barulho. Fogo de artilharia. Uma bala. Um rapaz gritando de dor, implorando piedade a um Deus que ele não acreditava mais que existia. A carne atravessada pelo aço quente que rasgava o céu. Um homem com sangue jorrando como vinho tinto das suas veias abertas. Num país estranho. No meio de pessoas que ele mal conhecia. Me lembrei do que a minha mãe me disse quando falei que ia me casar. Pelo menos você não vai casar com um soldado. Isso é uma coisa que você nunca deve fazer, porque vai acabar ficando sozinha. (Phillips, 2011, p. 309)

Travis não chegou a conhecer o filho recém-nascido, que foi entregue ao Conselho da Cidade para adoção, depois que Len retornou, exigindo a posse da loja. Sem condição de sustentar-se e de cuidar da criança, Joyce não teve alternativa. Sozinha, em outra cidade, ela foi, por muito tempo, atormentada pela imagem de mulheres empurrando carrinhos de bebê.

A quarta parte termina com um registro de 1963, quando Greer, então com 18 anos, finalmente encontra sua mãe biológica. Joyce, aos 45 anos, está casada com Alan e tem outros filhos. Ela diz a Greer, com tristeza, o que a levava a decidir pela adoção e informa que não tem mais nada que recorde Travis, nem cartas, nem fotos,

pois, em um ímpeto, do qual se arrependia, destruía tudo. Greer parte, sem que ela tenha a oportunidade de abraçá-lo ou de dizer que o tinha amado.

A VOZ ANCESTRAL E A TRAVESSIA DO RIO

No epílogo, a voz narrativa insólita retorna. Ela se configura como uma voz ancestral, como a voz da África que lamenta o distanciamento dos seus filhos. Nos 250 anos em que esteve à escuta de um coro de vozes, esse ser etéreo foi capaz de ouvir também os afrodescendentes que, em várias partes do mundo, sofreram com a discriminação e o racismo e sonharam com igualdade:

Ouçõ um tambor tocar na margem mais distante do rio [...] eu espero. E ouçõ enquanto o coro de muitas vozes da memória comum começa a se levantar [...] Recebo saudações daqueles que se submetem [...] às neuróticas ansiedades inter-raciais nos bulevares de Paris (“Nenhum país de primeira classe pode se dar ao luxo de produzir uma raça de vira-latas”) [...] Um menino descalço em São Paulo está preso à sua terra, que ele sabe que nunca vai engravidar e prosperar, para um dia lhe proporcionar uma visão privilegiada e ele poder enxergar além da sua favela [...] Em Santo Domingo, uma criança sofre fazendo chapinha, com as meias-luas escuras de sua história marcadas bem embaixo dos seus olhos. Uma mãe observa tudo. A filha de 11 aos está se preparando para mais uma noite de prostituição infantil. Sobreviventes. Nas almas que passaram pela diáspora, um sonho de ferro [...] por 250 anos fiquei ouvindo. As vozes nas ruas de Charleston [...] ao som do reggae, da rebelião e da revolução que mergulham nos morros e vales do Caribe [...] vozes que clamavam por: Liberdade, Democracia. [...] Ouvia a voz que gritava: Eu tenho um sonho

que, um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos de descendentes de escravos e os filhos de descendentes de donos de escravos poderão se sentar juntos à mesa da fraternidade [...] Eu espero ouvir, em meio às vozes desses sobreviventes, as dos meus filhos [...] eles chegaram à margem mais distante do rio. E foram amados. (Phillips, 2011, p. 318)

No romance, o rio é uma metáfora para as múltiplas travessias do negro em diáspora: a travessia do Atlântico⁴ — “o grande rio” —, a travessia do rio Missouri, marcando a fronteira entre o Sul escravocrata e o Norte abolicionista nos Estados Unidos, e a grande travessia da vida para a morte que, para muitos escravizados, foi a única maneira de ser livre.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLASSIFICAÇÃO DO ROMANCE COMO NEONARRATIVA DE ESCRAVIDÃO

“The fact that African American writers continue to examine slavery through a diversity of forms and narrative strategies reinforces the basic belief that we can understand our present and anticipate our future only through a thorough interrogation of our past”.

A. Timothy Spaulding

Em nossa reflexão sobre as neonarrativas de escravidão, perpassamos abordagens teóricas que ora se diversificam, ora se complementam. Nossa proposta é comprovar que, apesar da fragmentação da narrativa, que, além de ser polifônica, mistura gêneros textuais, e da existência de elementos insólitos que distanciam a obra da abordagem realista das *slave narratives*, *A travessia do rio* é uma neonarrativa de escravidão.

4 Conhecida como a Passagem do Meio.

Em uma perspectiva dissonante, Kerry-Jane Wallart (2016), no artigo “Decontextualizing Caryl Phillips’s *Crossing the River*”, afirma que essa classificação é inadequada, visto que, apesar da dedicatória aos que cruzaram o rio evocar as vítimas do tráfico transatlântico de escravos, as preocupações raciais no romance são irrelevantes. Seu argumento apoia-se em diversos fatores. Primeiramente, no duplo ponto de vista — de brancos e negros, de escravocratas e escravizados — que o romance apresenta, sem que, de acordo com a ótica da autora, haja um posicionamento ético de Phillips, o que seria agravado pelo fato da terceira parte, da qual o Capitão Hamilton é o personagem principal, ter um título idêntico ao do livro. Em segundo lugar, porque Wallart associa as neonarrativas a uma perspectiva realista, o que, tendo em vista os elementos insólitos presentes no romance, desqualifica imediatamente *A travessia do rio* como um exemplo desse subgênero. Por fim, apoia-se nas palavras de Phillips em uma entrevista concedida a Carol Margaret Davison (1994), em que o autor afirma que, a princípio, a ideia inicial era ter a Segunda Guerra Mundial como ponto de partida da narrativa.

Em nossa proposta de leitura do romance, defendemos que, ao contrário do que Wallart afirma, a questão racial é abordada por meio de uma estratégia em que o contexto histórico é instaurado para ensejar a livre reflexão do leitor. Ao situar a primeira parte no contexto da fundação da Libéria, evidenciando o complexo papel da Sociedade de Colonização Americana nesse processo, o romance evidencia o racismo subjacente ao envio de afro-americanos à África, por mais que os arquivos históricos registrem esse ato como algo positivo, ancorado na ideia de liberdade e igualdade.

Outro aspecto relevante para a compreensão do romance como uma neonarrativa de escravidão é o fato de que a história de Martha reproduz características das *slave narratives* que foram incorporadas ao subgênero, como o relato da dissolução de vínculos entre mães e filhos e a fuga, além de se reportar à condição do ex-escravizado que, livre, encontra dificuldade para subsistir.

Ao contrário do argumento de Wallmart de que o romance se detém apenas, e vagamente, no passado, importa refletir sobre as características das neonarrativas de escravidão contemporâneas, que, longe de se aproximarem das convenções do romance histórico tradicional, cujo intuito é a corroboração dos registros historiográficos, se apropriam dos fatos com a liberdade que a ficção exige enquanto (re)criação do passado. Concordando com a leitura que Justine Baillie (2018) faz do romance, cremos que Phillips, recriando imaginativamente o passado, parte das “ruínas” da História para desafiar o relato que ela faz de si mesma. Por meio de uma estrutura narrativa fragmentada e, por isso mesmo, lacunar, ele desconstrói o *continuum* historicista, como propunha Walter Benjamin, a fim de contestar o discurso sobre a escravidão disseminado pela historiografia oficial dominante.

A primeira parte do romance, por exemplo, ao explorar a crise identitária do sujeito diaspórico por meio da história de Nash, não aponta apenas para dados comprováveis pelos registros históricos. Além de emblematicar o conflito que esteve no cerne dos acontecimentos que culminaram com a independência da Libéria, se reporta às questões identitárias que, ainda hoje, são alvo de escrutínio devido ao legado da colonização e da escravidão, ou seja, aponta para o futuro, por exemplo, e ainda dentro do contexto

do romance, para a lei que, por muito tempo, impossibilitou o casamento inter-racial nos Estados Unidos. Parece-nos que continua apontando para adiante, para o racismo que ainda hoje persiste nas sociedades hodiernas.

A par disso, conforme Spaulding sinaliza, as narrativas contemporâneas sobre a escravidão são transgressoras e desconstroem “o realismo como modo dominante de narrativa histórica, mesmo que (em muitos casos) implique que a história passada da escravidão seja um objeto cognoscível, recuperável por meio da forma escrita” (Spaulding, 2005, p. 123). É essa transgressão que torna a voz espectral e o insólito coro de vozes que a acompanha possíveis.

Se falta ao romance a voz autodiegética central típica das primeiras neonarrativas de escravidão e das *slave narratives*, há, em contrapartida, as vozes de Martha e de Joyce, que eventualmente eclodem em meio à focalização do narrador em terceira pessoa.

Especialmente relevante é a reflexão de Bénédicte Ledent acerca de outras vozes que emanam dos intertextos como uma “memória de arquivo”, ocupando espaços intersticiais. Dentre elas, as personagens de Conrad em *O coração das trevas*, obra que dialoga intensamente com a primeira parte do romance, “A costa pagã”, porém não no sentido de corroborar a perspectiva colonial, e a do comerciante de escravos John Newton, cujo diário, segundo Hill expressa nos agradecimentos, foi uma importante fonte de pesquisa para a elaboração do diário de bordo do Capitão John Hamilton na terceira parte.

O contexto da fuga, que igualmente remete às *slave narratives*, está presente na segunda parte do romance, na trajetória de Martha,

que também retrata a dissolução de vínculos familiares na vigência da escravidão e a falta de um elo de pertencimento compartilhada pelos negros libertos.

Podemos dizer, portanto, que, assim como em *Beloved*, de Toni Morrison, no romance de Phillips os fatos históricos são reconstruídos como uma versão alternativa à história oficial que convida o leitor a refletir sobre passado e presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste texto foi comprovar que o romance *A travessia do rio*, de Caryl Phillips, pode ser considerado como uma neonarrativa de escravidão, a par do experimentalismo formal e do modo atípico com que aborda a temática da escravidão.

Para tanto, examinamos as quatro partes que compõem o romance, bem como focalizamos as vozes narrativas que se insurgem no texto. Construído como uma versão pós-moderna das *slave narratives*, o romance assume o papel de contranarrativa ao discurso hegemônico e empreende uma releitura do passado histórico para examinar o racismo como um legado do sistema escravocrata.

Como a maioria dos autores negros contemporâneos que abordam o tema, Phillips narra o passado para lançar um olhar crítico ao presente. Ao distanciar-se do modelo das neonarrativas tradicionais, que primavam por um intenso diálogo intertextual com as *slave narratives*, entretanto, a obra despertou algumas críticas e a acusação de certa ambivalência em relação aos personagens brancos e da ausência de uma abordagem efetiva da questão da raça. Entretanto, o foco principal das neonarrativas de escravidão é revisitar o arquivo histórico, escovando-o a

contrapelo, de modo a demonstrar que o legado do sistema escravagista continua entre nós.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o coro de vozes mencionado no prólogo e no epílogo não é formado apenas por aqueles que vivenciaram a escravidão, mas também por seus descendentes e por todos os que, ainda hoje, são alvo do preconceito e do racismo.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, William E. Liberia and the Atlantic World in the Nineteenth Century: Convergences and effects. In: *History in Africa*, v. 37, [s.l.], p. 7-49, 2010. Available at: <https://muse.jhu.edu/article/400372/pdf>. Access in: 27 set. 2025.
- BAILLIE, Justine. "There are no paths in water": History, Memory and Narrative Form in *Crossing the River* (1993) and *Foreigners: Three English Lives* (2007). In: *Lectures du monde anglophone*, n. 4, [s.l.], 2018.
- BELL, Bernard W. *The Afro-American Novel and Its Tradition*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1987.
- CIMENT, James. *Another America: The Story of Liberia and the Former Slaves Who Ruled It*. New York: Hill and Wang, 2013.
- DAVISON, Carol Margaret. Crisscrossing the River: An Interview with Caryl Phillips. In: *Ariel*, n. 25, v. 4, [s.l.], p. 91-99, Oct. 1994.
- GAINES, Ernest J. *A autobiografia da Srta. Jane Pittman*. New York: Bantam, 1971.
- JONES, Gayl. *Corregidora*. Boston: Beacon Press, 1975.
- KEIZER, Arlene R. *Black Subjects: Identity Formation in the Contemporary Narrative of Slavery*. Ithaca: Cornell University Press, 2004.
- MISRAHI-BARAK, Judith. Post-Beloved Writing: Review, Revitalize, Recalculate. In: *Black Studies Papers*, n. 1, v. 1, [s.l.], p. 37-55, 2014.
- MORRISON, Toni. The Site of Memory. In: *Out There: Marginalization and Contemporary Cultures*. Edited by Russell Ferguson, Martha Gever, Trinh T. Minh-Ha, and Cornel West. Cambridge, MA: MIT, p. 299-305, 1990.
- PHILLIPS, Caryl. *A travessia do rio*. Tradução de Gabriel Zide Neto. Rio de Janeiro: Record, 2011.

RUSHDY, Ashraf H. A. Neo-slave Narrative. In: *The Oxford Companion to African American Literature*. Edited by William L. Andrews, Trudier Harris and Frances Smith Foster. New York: Oxford University Press, p. 533-535, 1997.

RUSHDY, Ashraf H. A. *Neo-slave Narratives: Studies in the Social Logic of a Literary Form*. New York: Oxford University Press, 1999.

SMITH, Valerie. Neo-slave Narratives. In: *The Cambridge Companion to the African American Slave Narrative*, v. 1. Edited by Audrey Fisch. Cambridge, UK: Cambridge University Press, p. 168-185, 2007.

SPAULDING, A. Timothy. *Re-forming the Past: History, the Fantastic, and the Postmodern Slave Narrative*. Columbus: Ohio State University Press, 2005.

SPIVAK, Gayatri. Diasporas old and new: women in the transnational world. In: *Textual Practice*, n. 2, v. 10, [s.l.], p. 245-269, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09502369608582246>. Acesso em: 14 jun. 2025.

WALKER, Margaret. *Jubilee*. Alabama: Houghton Mifflin, 1966.

WALLART, Kerry-Jane. Decontextualizing Caryl Phillips's Crossing the River. In: *Etudes Anglaises*, n. 3, v. 69, p. 259-277, 2016. Available at: <https://shs.cairn.info/revue-etudes-anglaises-2016-3-page-259?lang=en>. Access in: 27 set. 2025.